

PARA AFORISMAR NA ESCOLA

Deniz Alcione Nicolay¹
deniznicolay@yahoo.com.br

O que faz do docente um repetidor de fórmulas prontas e acabadas? O que faz da escola uma mesmice burocrática? Talvez a resposta, ela mesma, não esteja no universo pedagógico. Talvez nossa inoportuna falta de sensibilidade nos impeça de ver para além dos muros da escola. Mas algo é certo: o espírito é mais preguiçoso do que o corpo.

Fala a professora desiludida. Já se passaram dez anos que procuro um amor ideal, mas encontrei apenas o amor dos macacos do ideal.

O que importa se as políticas públicas assistenciais deram de comer e beber para a grande massa falida! É mais provável que uma horda ridicularize Platão, veja-o como o passado decrépito da razão. O que importa para a educação? Até aqui, foram as meias furadas do professor.

Dirás, tresloucado amigo, que os astros ainda louvam por nós? Depois de tanta mentira e falsidade sobre os rostos daqueles que te dizem amar. Não procures nem creias: tudo é oculto. Também a verdade está oculta nas metamorfoses da mentira — E como gosta uma mariposa de sentir-se borboleta!

Outrora, quando não existiam escolas nem currículos, eram as crianças que participavam do universo tenebroso do 'outro'. E hoje? Quantas crianças participam? (pergunta o professor versado em habilidades psicanalíticas).

Ou encontramos uma fórmula para ressignificar os saberes curriculares ou presenciaremos o esvaziamento das escolas. Ou afastamos o assalto ideológico da pequena política, na educação, ou faremos da escola uma clínica de reabilitação para consciências alienadas. Ou superamos o niilismo da carreira profissional docente ou teremos, cada vez mais, uma categoria de espíritos ressentidos. Ou envolvemos a educação numa áurea criativa, estética, artística, ou ficaremos à mercê de pensamentos megalomaniacos sobre as razões de educar. Por fim, *ou... ou...*

Raramente escutamos os sons que circundam pela sala de aula, entre os alunos. Pois para nós (fisiologistas da Vontade) importa o corpo enquanto matéria de interpretação. Então, ouçamos: (...) o que é isso? Resposta de um velho e sincero educador: gases intestinais.

Não se diga que o professor é ainda um louco. Tampouco que a loucura é vazia de sentido. Todo louco tem o seu cadinho secreto no bolso do paletó — Está aqui! Veja no frasco. Apanhei uma ideia que vagava por aí! Tão sóbria é a loucura e tão vasta é a arte. Antes da palavra final, lembre-se: “Quem vive sem loucura não é tão sensato quanto pensa” (LA ROCHEFOUCAULD, 2007, p.40).

Há casos de alunos-problema. Então, problemas se tornam rotina na vida do professor. Mas é o desafio contínuo, como problema, que alimenta a docência do professor. Embora ele possa estar cansado de tantos problemas sem solução. É fato que, tratando-se de problemas: não há nada mais difícil de enxergar do que o óbvio.

Para aular. Mais um esforço companheiros! Sempre sobra algum espaço, entre uma aula e outra, para ludibriar o cansaço. Não me venham com sacrifícios pela justa-causa. A única causa justa (e verdadeira) é o vinho bordô que irrompe no tilintar dos copos.

Meta + odhos. Vem por aqui! Dizem-me alguns com vendas nos olhos. Vai por ali! Dizem-me outros com as pernas esquiladas e alquebradas. No entanto, digo: – Eu vou aonde vão meus pensamentos. Há muito tempo não calço mais 35.

Reunião de professores. Qüiproquó. Qüiproquó. Blá-blá-blá-blá — Gurias! Sssss... O diretor vai falar: ... (cinco minutos de silêncio absoluto). Então é isso. Todos concordam? Olhares perdidos por todos os cantos da sala — Quem gostaria de assumir esta responsabilidade? Evasivas ensandecidas para o banheiro. Retornam. Qüiproquó. Qüiproquó. Blá-blá-blá-blá. Doces e salgados no final da reunião (e suco concentrado). Risos. Galhofas. Perfumaria barata. No final: alguém falou alguma coisa?

Diálogo de corredor. A— Achou mesmo que teríamos aumento de salário após as manifestações? B— Pelo menos a tentativa foi válida. Ganhamos alguns dias, quer dizer, menos alguns dias. A — Eu

proveitei para fazer faxina na casa. Mas, pelo jeito, a faxina deveria ter sido aqui. B— Sei não! Ainda acreditamos no esforço do secretário. É um dos nossos. (Moral da história: em terra de cegos quem tem um olho é rei, mas dificilmente o rei quer ser zarolho).

Instrução pública. Mais escolas, mais cursos, mais vagas são aspectos entendidos como avanços fundamentais nos estados democráticos de direito. A educação se tornou a grande amante da política, o corpo manuseável da situação. Pena que espíritos não têm corpo nem ratos aprendem a ler.

Notas de uma jovem professora. “Meu querido diário, amigo de todos os dias. Hoje acordei com péssimo humor. Também pudera, pois ontem os ‘pestinhas’ acharam uma forma de me atazanar. Tudo que falava, eles repetiam. Tudo que dizia, eles contrariavam. Até que cheguei ao limite. Explodi! E eles riram mais do que nunca. Não sei se voltarei lá. Pena que alguns são ótimos alunos. Estes fazem tudo que mando, até subir numa árvore, se preciso for. Falei com a ‘dire’ e ela prometeu resolver tudo. Ainda bem que posso contar com ela. Não fosse pelas colegas tinha mudado de profissão. Tenho dotes de atriz, mas me falta oportunidade” (Comentário indecente: será?).

Em determinadas situações, todo professor tem necessidade de se passar por um juiz de tribunal, julgando o bom ou ruim, o bem ou mal. A honestidade deve estampar o semblante de tal professor, como se este usasse uma capa protetora contra todos os vícios da humanidade. Porém, os alunos não temem o grau de justiça e honestidade do professor, eles temem a capa.

Sala de professores. Pausa para o cafezinho, chazinho, biscoitos. Pausa para tratar com os pais dos alunos. Pausa para planejamento das aulas. Pausa para reuniões de área. Pausa também para reuniões gerais. Pausa para venda de bijuteria ou adereços de toda ordem. Pausa para lamentar os

desencontros da vida pessoal. Pausa para reivindicar melhores condições na vida profissional. (Conclusão de aluno: sem dúvida, com tanta repetição é provável que tenha estragado o botão de *play* na educação).

Humana docência. O grande erro das teorias epistemológicas (sobre os modos de ensinar e aprender) foi pensar que o homem poderia ser melhorado como espécie. Agora, erro maior foi procurar o macaco no homem e o homem no macaco. Terrível preconceito em relação aos gorilas e chipanzés. Também aqui se encontra humanidades!

Se o paraíso fosse uma clínica de recuperação terapêutica, é provável que a maioria dos professores recebesse atendimento *vip*.

O maior dos Karmas. Amigo professor: E se um dia, talvez numa sala de aula, uma figura divina lhe aparecesse e, neste momento, você pudesse esquecer, por alguns instantes, o barulho infernal dos alunos que estão a sua frente. Então, ela se aproximaria e diria ao pé de teus ouvidos: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela [...]” (NIETZSCHE, 2001, p.230). É provável que você queira enforcar tal figura ou, talvez, pense na sua auréola de nume e diga: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!” (Idem, p.230). Agora, se essas palavras lhe provocassem uma crise de consciência e a percepção da vida presente, na sala de aula, lhe trouxesse a compreensão de que não há vida sem prazer, é possível que você a abandonasse. Mas, caso você concorde que esta é a sua vocação e para isto você nasceu. Então, discorde de tudo e peça silêncio aos alunos. Não se esqueça de respirar fundo, olhar pela janela e admirar o sol, pois ele tarda, mas nada o impede de continuar a brilhar.

Contracorrente. Na educação existem correntes contemporâneas sobre docência, ensino e currículo que arrastam consigo um turbilhão de ideias tolas e confusas. Também arrastam milhares de almas venturosas e, sobretudo, ciosas pelo poder. Na contramão, está um punhado de velhos anarquistas, sobreviventes que, com o tempo, aprenderam que todo poder corrói a alma.

O professor vê pouco. E, a cada vez, depois de alguns anos de docência, vê menos. Mas não é negado que ele ouve bem e, no decorrer dos anos, ouve sempre algo mais do que alguém tinha dito sobre alguma coisa.

Abaixo a carga horária excessiva de trabalho em sala de aula. Abaixo a pequena política na educação. Abaixo o egoísmo e as discussões vazias. Abaixo o burocratismo das instâncias legais. Abaixo o 'lenga lenga' dos demagogos que fingem entender de educação, mas que nunca pisaram numa sala de aula. Abaixo alunos mal educados e diretores arrogantes. Abaixo reuniões de faz de conta e comissões de coisa nenhuma. Abaixo conteúdos sem sentido. Abaixo as péssimas condições dos prédios escolares. Abaixo governos que mostram os dentes, mas escondem o rosto para a educação. Por fim: sobrou alguma coisa? Ah! Abaixo os baixos salários (psssst! Silêncio!). Podem baixar ainda mais. Nesse caso: acima!

A voz. Há um perigo iminente no exercício da docência. O perigo da voz provocar seu próprio eco. E, quando numa conversa com um aluno ou outro colega professor, o som que sairá da boca poderá levar o interlocutor a entender algo que, efetivamente, a boca não disse. Nem as afirmações entendidas fazem parte da opinião do professor que fala. Na docência, o eco fala pela voz. Portanto, poupem a voz amigos professores!

No ensino de filosofia. Há mais vestígio de filosofia no recreio das crianças do que nas lições diárias do professor.

Única herança de um velho educador: um disco de vinil desbotado tocando a mesma música sem parar.

Curriculum. Todo currículo procura o desenvolvimento das potencialidades do sujeito que a ele está submetido. Na trajetória da formação, deveríamos ter o cuidado de extrair apenas as experiências positivas do processo de escolarização. Não façamos como as esferas políticas da sociedade que, a cada ano, procuram seu torturador a fim de serem torturadas pelos quatro anos seguintes da sua existência.

A educação sempre foi um problema de primeira grandeza para o poder político. Melhor seria destituir o poder político da educação (ou seria a educação do poder político?).

Pertencemos a uma época cuja atividade docente corre o risco de ser extinta pela cultura que se diz civilizatória, social e, antes de tudo, educativa.

Juventude na sala de aula. A ambição do professor está calcada na possibilidade de que um dia os jovens, que estão a sua frente todos os dias, possam vir a superá-lo. No entanto, suas pretensões geram frustração e impaciência. Pois a juventude, por vezes, é improdutiva em todos os sentidos, gerando situações desagradáveis e condutas medianas. Afinal, o que há de produtivo nos jovens? Biologicamente é a produção hormonal.

Educação para o trânsito. É provável que nós, educadores, corramos risco maior de ser atropelados pela turba de infantes em disparada, após o último sinal, que por se desviar de um carro no trânsito. Nesse caso, na sala de aula também se carece de educação para o trânsito (entre pedestres).

Quando é hora de parar. É provável que uma espécie de instinto de sobrevivência se manifeste na vida profissional do professor, alertando-lhe de que já é tempo de recolher as armas. Normalmente isso acontece quando sua voz parece não ser mais ouvida pelos jovens alunos. Desse modo, a sala de aula torna-se vazia (mesmo povoada). Em condições reais, seus colegas de escola percebem o nível de exaustão. Ou seja: quando num belo dia, no corredor da escola, todos escutam uma gargalhada estridente, semelhante ao relinchar de um equino. Todos o olham e ele os retribui com uma série de gestos obscenos. É a hora de parar: quando a alma está no limite da vulgaridade.

A rotina das escolas aniquila com a identidade do professor. Não existe individualidade quando a carga horária de trabalho e o oceano da coletividade desumanizam o sujeito da pessoa.

Recordações de um diretor de escola aposentado. “Durante toda minha vida defendi-me das chineladas dos governos que fingiam trabalhar pela educação. Mas nunca consegui defender-me das agulhadas dos demais colegas professores”.

Existe um único lugar na escola onde podemos acompanhar todo o resultado de aplicação do currículo escolar em curso. Nesse lugar, os alunos manifestam (através de palavras ou frases escritas) coisas que nunca, em condições normais de sala de aula, manifestariam. Também a consciência em relação ao trabalho educativo, desenvolvido na escola, é posta à prova. Mas, efetivamente, que lugar é esse? Sem mistérios nem maquiagens depois da hora trata-se do banheiro.

Hora da merenda. Maravilhoso ponto de encontro para aqueles que não têm outro amor.

Sinal de entrada e saída. Para quase todo professor é o começo e o fim do Karma. Entre uma disciplina e outra se ouve alguém dizer ‘Graças a Deus!’ (não se sabe se é o professor ou o aluno). Porém, para o aluno, significa, antes de tudo, a conquista gradativa da liberdade de conteúdo e expressão.

No bar. É provável que todos os problemas docentes se resolvam após um cafezinho, um pastel ou uma deliciosa torta de maçã. Com o discente, não é nada diferente.

Num ambiente de sala de aula, todos os seus atores deveriam ter a decência de não comer feijões, cebolas ou pepinos em conserva ao meio dia, pois é sempre razoável manter a compostura.

Nenhum outro papel é tão nobre na escola quanto o da faxineira que varre as mágoas diárias para recomeçar um novo amanhã.

Problema de álgebra. Como fazer para reverter os déficits históricos do processo de escolarização da sociedade brasileira? E, de quebra, como elevar a qualidade das práticas de formação na educação básica? Associando outro: como valorizar a profissão docente no interior da máquina pública? No entanto, deve-se confessar: nada é impossível para os tecnocratas de plantão.

Desvantagem. Em relação às demais profissões, a grande desvantagem do professor é o fato de ser um romântico inconfessável. Aliado a isso, o fato de possuir uma prodigiosa memória, ou seja, ele nunca esquece.

Tanto na educação quanto na vida existem duas fórmulas para despertar a vontade criadora do indivíduo: a sensualidade e a música.

Para os pequeninos, eis a verdadeira educadora: a tia da cozinha.

Na biblioteca. O lugar mais misterioso da escola. Ali se escondem criaturas estranhas, capazes de provocar horror nos jovens estudantes. Guardam arquivos, coleções imexíveis, relíquias do tempo do onça. Terrível dilema: os livros esvaziaram a vida ou a vida esvaziou os livros? Ou ainda: estaria o desejo de leitura em outro lugar (que não a biblioteca)?

Devemos nos despedir dos alunos como Jetro se despede de Noé, ou seja, não vos amando, mas imaginando que grandes feitos vos esperam.

REFERÊNCIAS

LA ROCHEFOUCAULD. **Máximas e reflexões**. Trad. Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Escala, 2007.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹ Doutor em Educação pela UFRGS. Pesquisador das linhas: Filosofia da Diferença e Educação (UFRGS) e da linha Filosofia e Método (UFFS). É autor da obra *A moral da infância na Didática Magna* (Porto Alegre: Armazém Digital, 2011), capítulos de livros publicados nas seguintes obras: *Fantasia de Escrita: filosofia, educação, literatura* (Porto Alegre: Sulina, 2010) e *Abecedário: Educação da Diferença* (Campinas: Papyrus, 2009), e de uma série de artigos em periódicos científicos. Atualmente é professor da área de Fundamentos da Educação na Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Cerro Largo/RS.